

Paulo
Mendes
Campos

PRIMEIRAS LEITURAS
CRÔNICAS



Copyright © 2012 by Joan A. Mendes Campos

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico Retina78

Revisão Jane Pessoa e Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Campos, Paulo Mendes
Primeiras leituras : crônicas / Paulo Mendes Campos. —
1ª ed. — São Paulo : Boa Companhia, 2012.

ISBN 978-85-65771-05-4

I. Crônicas brasileiras I. Título.

12-10558

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

I. Crônicas : Literatura brasileira 869.93

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

APRESENTAÇÃO

- 7 Um craque

JUVENTUDE DE HOJE, ONTEM E AMANHÃ

- 11 A ignorância das crianças
12 Encontro de dois mentirosos
16 Os anjos contam histórias
19 Primeiras leituras
22 Cuidado com os velhos
25 Maturidade
28 Juventude de hoje, ontem e amanhã

SOBREVOANDO IPANEMA

- 41 Última flor do Lácio
42 Rio de fevereiro
46 Música popular
50 O carioca e a roupa
55 Sobrevoando Ipanema
59 O cego de Ipanema

RECEITA DE DOMINGO

- 65 As eternas coincidências
67 Baile de máscaras

- 71 O risadinha
75 O homem que odiava ilhas
79 Receita de domingo

MEDITAÇÕES IMAGINÁRIAS

- 85 Para Maria da Graça
89 O amor acaba
92 Carta a um amigo
96 Os bons ladrões
101 Meditações imaginárias
104 Sombra
107 O canarinho
- 110 Sobre o autor

JUVENTUDE DE HOJE,
ONTEM E AMANHÃ

A IGNORÂNCIA DAS CRIANÇAS

- Papai, o sol é feito de bomba atômica?
- Uma girafa pequenininha, mas pequenininha mesmo, ganha de uma borboleta grande?
- Quando não existia nada, o que é que existia?
- Por que não tem jacaré no mar?
- O que é *aliás*?
- Deus é mais forte do que Tarzan?
- Se o eco existe mesmo, como é que a gente não vê ele?
- Guerra é uma rua velha com uma cerca furada?
- Tartaruga tem *clavica*?
- Homem mau só diz bobagem?
- Deus está em todo lugar? Ele cheira a flor com meu nariz?
- A pomba é Deus?
- Por que nos Estados Unidos tem cadeira elétrica?
- Anjo conversa com passarinho?
- Pra comprar um país precisa de muito dinheiro?
- Por que o sol nasce todo dia e a gente só nasce uma vez?
- Por que Deus não faz um barulhinho quando ele sai?
- Gêmeo briga na barriga?

ENCONTRO DE DOIS MENTIROSOS

— Oba, como é que é, rapaz, há quanto tempo...

— Tudo azul. Você é que anda sumido.

— Dando o meu duro. E você?

— Duro, graças a Deus, eu não dou mais.

— Ficou rico?

— Talvez eu não possa dizer tanto; mas tenho ganhado meu dinheirinho... bastante dinheiro... muito dinheiro...

— Brasília?

— Brasília é mixurucagem. O que está dando dinheiro no Brasil?

— Cacau.

— Quase acertou: café no Paraná. Peguei uma boca-rica. Sempre brilhando?

— Que nada, rapaz; ando mais obscuro que boia apagada na baía.

— Modéstia sua. E as mulheres?

— Que mulher, siô!

— Pois sorte tem dado aqui o velhinho. Francamente, nem mereço tanto. Parece até mentira. Eu?! Não, isso não pode ser pra

meu bico. Mas vou ver, e é. Eu nem sei o que essas garotas veem em mim. Enfim, eu é que não vou reclamar. Tou certo ou errado? (Pausa, sorriso). Saúde boa?

— Quando não estou doente, passo muito bem com a minha úlcera e o meu resfriado, obrigado. E você?

— Eu?! Olhe só pra mim. Não tenho ab-so-lu-ta-men-te nada. Mas na-da mes-mo. Aliás, minto, uma coisa eu tenho: saúde demais, chega a me fazer mal. Sou um cavalo de forte. Por falar em cavalo, domingo passado dei uma no Jockey de lavar a égua; precisei de um amigo pra me ajudar a levar a gaita...

— Pois eu entrei bem e alto.

— Ora, estás a bancar o bobo. Por que não falou comigo? De uma coisa aqui, não é por me gabar, o papai entende: é dos cavalinhos. Tenho dado barbadas pra tanta gente que eu mal conheço! Se eu não tivesse vergonha, vivia só dos cavalinhos; só não viro jogador por causa dos garotos. Falar nisso, como vão os seus?

— Mais ou menos. Sempre resfriados; herdaram de mim a vocação.

— Os meus são uns touros. Papam tudo quanto é prêmio de esporte no colégio. Quer saber? Coisa boa da vida é filho.

— Também acho, mas os meus dão muito trabalho...

— Engraçado, os meus, não... Olhe: só não são os primeiros da turma porque não querem. O mais moço, então, não é por ser meu filho, mas nunca vi ninguém tão inteligente. É um monstriinho o guri! Os seus são estudiosos?

— Que nada! Todos eles, uns vagabundos de meia-tigela.

— Isso é bom sinal. São vivos, não são?

— Sei lá... Tem um que eu acho que nem é muito certo da bola...

— Esse negócio de filho é sorte. Aliás, quer saber de outra?

Neste mundo tudo é sorte. Veja só o meu caso: eu, que sempre fui um boêmio, um boa-vida, não fui me casar com uma criatura fabulosa? Bonita (bonita, não é por ser minha mulher, é apelido), simpática, compreensiva, um anjo. E, além do mais, me adorando. Se eu chegar em casa agora e disser pra ela sem nenhuma explicação: “Minha filha, vamos viver na Favela do Esqueleto” — ela vai arrumar a trouxa sem pestanejar. E, por cima de tudo, rica. Você sabe que meu sogro deixou dinheiro que foi preciso carregar de caminhão. Sabia disso, não sabia?...

— Claro, claro.

— Pois é, que é isso? Sorte, pura sorte. Mas sua mulher também é uma santa.

— Não é má pessoa, mas eu não aguento mais minha mulher. Tou cheio. Melhor até mudar de conversa. (Pausa.) Que acha das eleições?

— Você não ignora que eu nunca me meti diretamente em política. Pra mim, tanto faz como tanto fez... Olhe, eu me dou com o Lott... O Jânio é meu amigo... O Ademar, este é do peito... Aqui no Distrito (isto é, no Estado da Guanabara) a turma é toda minha. Taí, eleição é bicho que não me mete medo. Nem vou votar. E você, está com quem?

— Também não vou votar.

— Você é como eu.

— Não, é que perdi meu título de eleitor. Vou pegar dessa vez é multa.

— Pega coisa nenhuma. Se der galho, fale comigo, mas fale antes de dezembro, pois no dia 1º embarco pra Europa, e o Brasil não vai me ver antes de uns seis meses; já estou até de passagem comprada.

— Sozinho ou com a patroa?

— Já viste alguém levar sanduíche a banquete? Sozinho, velho.
Você conhece a Europa?

— Só conheço Petrópolis, e mal. (Pausa.) Tá quente hoje, hem?

— Você acha? Não estou sentindo.

— Estou morrendo de calor. Vamos tomar um uisquinho num bar refrigerado.

— Grande ideia... mas espere aí... Puxa! Minha mulher hoje passou forte pela minha carteira.

— Deixe isso pra lá... Vamos ao uísque.

— Mas na próxima vez eu faço questão.

OS ANJOS CONTAM HISTÓRIAS

O chefe da família na máquina de trabalhar. A mulher na enceradeira. A cozinheira no fogão. O passarinho na gaiola. Os peixes no mar. A gaivota pescando. A menina rolando no chão. O menino, doente, na cama. Todos nós somos deste mundo, menos as crianças. E o menino, perseguido de visões febris, vai falando sem parar:

“O filho da vaca é o bezerrinho, o pai da vaca é o boi. Não é? Eu vou morar num sítio. Morar muito. Um dia, quando eu fui fazer pipi, vi duas professoras de inglês. Igual. Eu vou trazer um pato do sítio e botar em cima da cabeça do Didi. Quando eu ficar bom, quero ir no circo. Eu já cortei a mão. Papai, papai-i: conta uma história de camelinho. História triste, não. Nova e alegre. Mãe, tá doendo, tou com dor de cabeça. Eu só gosto daquele remédio cor de laranja. Cafiaspirina eu não gosto. O gatinho caiu no poço, vestido de amarelo, todo mundo veio em volta pensando que era marmelo. Quando eu fui no colégio vi nuvens. A nuvem estava passando nas nuvens. Não estava chovendo. Ai, eu quero sair da cama! Laurita, eu não vou comer aquela coisa que arde. Papai é um

burro, mamãe é a mulher do burro, e eu sou um burrinho. Mãe-i, você vai um dia naquela esquina longe? Lá tem anzol. Você compra uma vara nova, que o peixinho não gosta de vara velha, não. Eu te dou um bombom. Galibi é menina, mas ela gosta de pescar. Se não fizer um poleiro, o galo sobe na árvore e estraga as pitangas. Pai-i, quando eu crescer, vou ganhar um trem de ferro elétrico. Você vai dar. Meu dodói dói. Eu não comi muita azeitona. Maionese eu não gosto. Maionese é aquele remédio que eu tomei agora. Eu só gosto de remédio vermelho. Elefante gosta de amendoim. Tia Edir sabe fazer espantalho: *snowman* ela não sabe, não: aqui não tem inverno. Se você fala inglês, papagaio também fala. Mas fala também paracopaco, não fala? Leão de circo não come você, não; de jardim zoológico come. Galibi, conta uma história...”

A irmã sobe na cama e começa a contar uma história:

“Era uma vez um nenê. Era só cantar ‘Dorme, nenê’, que ele dormia. Mas logo depois precisava de chegar uma porção de anjos. Já conheciam a dona daquela casa, e por isso tinham dado o nenê para ela. A mãe fazia roupa para o seu nenê querido. Um dia, a família foi viajar; o nenê foi de roupa muito bonita. Quando voltaram da linda viagem, quem adorou mais foi o nenê. Era só o que faltava! Os anjos! Sim, sua mãe sempre precisava dos anjos para ajudar. O nenê adorava sua mãe, mas não podia faltar nada para ele, e, assim, não deixava ela fazer nada, gritava, chorava, fazia tantas molecagens que a mamãe não podia trabalhar. A mãe um dia chamou os anjos e pediu que eles dessem um jeito. Os anjos, muito espertos, levaram o nenê para a mata, para o galho duma árvore. O nenê ficou contente da vida! Os passarinhos traziam flores para ele, as abelhas traziam mel, o nenê ria. Enquanto isso, seu pai tinha viajado e sua mãe também. Antes de voltar da via-

gem, a mãe, de tanta saudade daquele nenê querido, mandou o irmão buscar ele na mata. Quando o irmão chegou, o nenê estava brincando com as estrelas do céu, e os anjos estavam procurando diamantes. Já era bem de noite e o sol estava se escondendo. Até o seu corupião estava com fome. Mas, aí, sua mãe já era tão pobre que não tinha mais empregada. Todos eram pobres, o cachorro, a árvore, o cavalo. Mas enfim tudo estava em silêncio e quieto. Era uma hora da madrugada, e já estava quase ficando de dia. A noite era tão triste e a mãe não tinha comida. Na hora de jantar, só tinha dado leite, bife, batata, sopa, salada e aveia. Então chegou um anjinho e contou uma história para o nenê: ‘Era uma vez uma cidade que tinha muitas casas de frutas, mas o sol estava tão quente que mandava seus raios para todos os lados’. O nenê sentiu muito o sol da história, e o anjo então mandou que os raios de luz comesçassem a ir embora. Quando ficou de noite outra vez, o sol foi para a China. A China não é perto, é muito longe. O nenê também foi para a China, porque não gostava de escuro. E todo dia, quando ficava escuro, ia para a China. E os anjinhos nunca mais encontraram o nenê naquela caminha tão boa.”

O menino diz: “Pai, a Inês me ensinou a fazer navio”.